

Boletim **O Gabelense**

ano vi – nº 13 | dezembro 2003

arremedos de ensaio
**conhecer
versus
verdade**

notícias da califórnia

a direcção

Mais um ano ira findar, com o ressurgimento do novo ano – 2004, com a expectativa de realização de a nível nacional, em que se destaca o EURO 2004, que originou a construção de dez estádios, tudo em grande, no nosso pequeno país. Espera-se que seja o ano da estabilidade e da unidade nacional. Esperamos que se sustentem as calamidades que afligiram este ano o país. Lembramos os fogos – postos e naturais –, dada a adversidade das temperaturas altas que se fizeram sentir e não só (lembramos os piromaníacos e/ou incendiários) e também as chuvas e os seus estragos.

Também o nosso encontro foi prejudicado este ano, pelas chuvas que caíram todo o dia provocando a debandada dos que estiveram presentes, incapazes de resistir a chuva copiosa que se fez sentir e dela refugiar-se. Infelizmente o Parque de Merendas de Mogofores, onde realizamos o encontro não tem condições para abrigar os utentes em situações como as que aconteceram de intempérie – com chuva e vento imprevisíveis.

Houve uma minoria que se albergou, como pôde, no palco onde, apesar do mau estado do tempo, se puseram

umas mesas, onde confraternizaram em péssimas condições pois a chuva fustigada pelo vento atravessava o local, tendo-se recorrido a chapéus de chuva (sombriñas)... Muito mau, péssimo o dia do nosso encontro...

Esperamos que se não volte a repetir, causando o desânimo ou a desistência dos gabelenses com quem continuamos a contar e são o suporte e a razão de ser da nossa Associação, que já conta com largos anos de existência, apoiados incondicionalmente por todos. O nosso muito obrigado.

índice

editorial	página 2
a nossa revista	página 3
o nosso encontro	página 4
ai ué angola	página 5
quinta da califórnia (azeitão)	página 7
ensem nisto	página 9
noticias de um gabelense da califórnia	página 10
o colono	página 14
crónica da califórnia: meditando no passado	página 17
arremedios de ensaio: conhecer <i>versus</i> verdade	página 22

ficha técnica**propriedade**

Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, lote 16 – 7º C
1900 LISBOA
Telefone: 21 848 23 23

redacção

Todos os Gabelenses

composição gráfica

Elsa de Almeida

impressão

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

periodicidade

Semestral

a nossa revista

silva carvalho

Como vem sendo hábito o "GABELENSE", o nosso boletim vem sendo distribuído aos atentos leitores, semestralmente, em cada ano, em Junho, antes do nosso encontro no último domingo e, em Dezembro, de modo a que chegue antes do Natal, mantendo-se a regularidade com muita dificuldade, dada a ocupação dos que intervêm na sua elaboração – membros directivos, colaboradores e patrocinadores – a quem não só reconheço o incansável trabalho, como muito agradeço a participação.

Não tem sido fácil a sua publicação, pela conciliação da sua edição, pela dificuldade da composição e impressão, recepção dos artigos, compilação e entrega na gráfica (tudo isto se faz em Aveiro), bem como dos encargos que acarreta a sua manutenção. E muito difícil a conciliação de todos esses factores, até que as revistas cheguem aos utentes...

Sem menosprezar o trabalho e interesse de todos que tem colaborado, tem sido um esforço único e pessoal, de que se tem responsabilizado, assumido desde o principio, pelo Fernando da Conceição Santos que, para além da publicação da revista e correspondente recepção dos artigos para entrega na composição se ocupa da remessa que, antes da entrega nos CTT para envio, tem de ser inserido em envelopes, cerca de seiscentos exemplares que, normalmente, ocupa o agregado familiar da "família Santos".

Louve-se pois este empenho e desempenho e a sua eficiência que tem permitido que o nosso boletim (revista) chegue aos leitores como pretendemos, sempre antes do encontro e também antes do Natal, com as nossas Boas Festas, para todos os gabelenses, que muito consideramos, respeitamos e desejamos que nos continuem a apoiar como até agora.

E claro que não seria possível se não fosse o apoio dos nossos colaboradores, que nos enviam os seus artigos com regularidade, que agradecemos, desejando que outros apareçam, como temos solicitado. Também aos nossos patrocinadores o reconhecimento, pela ajuda no pagamento de parte dos encargos e despesas da publicação, que são enormes e que só com o apoio dos sócios não seria suficiente.

Continuamos a contar com a ajuda de todos, que nunca nos foi negada como prova de confiança e apoio a nossa Associação, que todos, estou certo, desejamos se mantenha como elo de ligação entre os gabelenses. Como tenho dito, enquanto houver um gabelense, a nossa Associação tem uma razão para existir.

Por último aos membros da Direcção, o meu reconhecimento pelo sua dedicação e colaboração.

Bem haja a todos pela sua dedicação e votos para que continuem sempre a dar o seu incondicional apoio para que persista o empenhamento de todos os gabelenses na sua Associação, que muito nos dignifica e distingue pela união que mantivemos durante todos estes anos da nossa existência – já há 29 anos...



mensagem aos gabelenses

NATAL | ANO NOVO – 2003/2004

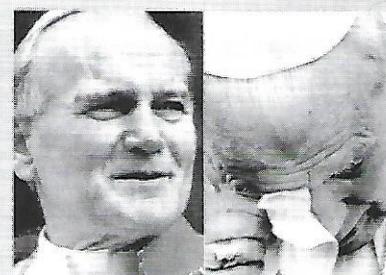
a direcção

É unânime a opinião em todo o mundo cristão, e não só, que os católicos vivem o seu ano de "graça", sob a égide do Papa Paulo II, que culminou com as celebrações em todo o mundo dos 25 anos do Pontificado do nosso Papa João Paulo II.

Com este espírito continuemos e mantenhamos as nossas orações, pedindo para os gabelenses, ao Senhor.

UM SANTO NATAL E UM ANO NOVO EM PAZ

Glória ao Pai.



o nosso encontro

silva carvalho

Este ano, o nosso encontro, foi péssimo, prejudicado pelo mau estado do tempo. Chuva copiosa caiu ininterruptamente desde o início até ao fim da tarde, acompanhada de vento, por vezes forte, sem dar qualquer intervalo, que permitisse uma aberta, aos que iam chegando, permaneceram, resistiram e foram persistentes, aguardando que o tempo melhorasse, para fazerem a festa do costume, de todos os anos, da amizade da família gabelense... que ainda se não cansou de recordar, no último domingo de Junho, de cada ano, dos tempos que, a trabalhar conviveram naquela que foi a sua terra de nascimento e/ou adopção - por isso a razão da existência da Associação dos Naturais, ex-Residentes e Amigos da Gabela que, em boa hora foi concebida, por alguém que achou por bem reunir alguns para falarem das suas saudades, das suas dificuldades, das suas tristezas e também das alegrias que iam sentindo por encontrarem mais um companheiro que com eles compartilhou de uma experiência e terras de África, mais propriamente em Angola em também no Cuanza-Sul, Amboim, e especificamente na Gabela, donde todos nos orgulhamos de ter vindo e de cá

estarmos, reunidos, pelo menos uma vez por ano, no último domingo de Junho, para confraternizarmos e viver saudades, pois elas nunca mais sairão da nossa lembrança, principalmente dos mais velhos como é natural, pois são os que guardam mais recordações e ate canseiras pelas experiências que viveram no início das suas vidas enfrentando agruras e dificuldades que os mais novos, talvez como eu, agora com 70 anos, nunca passamos. Angola, quando a deixámos, era um País, embora província de Portugal, em pleno desenvolvimento e com vida própria e economicamente independente e sem carências, com potencialidades para se tornar uma potência independente e sólida, porque estava convenientemente estruturada e assente numa economia equilibrada, com uma agricultura e pecuária evoluída, de iniciativa privada, para além das riquezas naturais exploradas por multinacionais, com maioria de interesses do Governo Central que deles tirava partido...

A hora da abertura dos farnéis, perto das 13H00, a chuva para além de não abrandar, aumentou, encharcando tudo e todos, provocando a debandada geral da maioria dos presentes que, no parque, infelizmente, não tinham

onde se recolher, um abrigo onde se não molhassem. Este imprevisto nunca tinha acontecido e não era de prever em Junho. Lamentamos o sucedido e a nossa incapacidade de resolvermos a situação. Todos fomos surpreendidos e prejudicados pela mau tempo. Nada podíamos fazer para resolver a situação de momento. Teremos de ponderar de futuro, o que fazer em tais circunstâncias, para remediar a situação, talvez com a utilização de toldos.

Pedimos a compreensão de todos para azares semelhantes, que tentaremos remediar futuramente. Lamentamos os que tiveram de se ir embora e o incómodo causado, agradecendo aos persistentes, aos poucos que se mantiveram, mau grado o estado do tempo e ainda tiveram a paciência e coragem de abrir os seus farnéis, confraternizar, com tempo em péssimo estado e a provocar imensos agravos, quando a chuva caía com mais força e tudo encharcava. Mesmo assim ainda houve quem aproveitasse para comer e beber, com muita dificuldade, fugindo da chuva batida pelo vento. Foi um dia para esquecer que espero não se repita...

ai ué angola

são marques

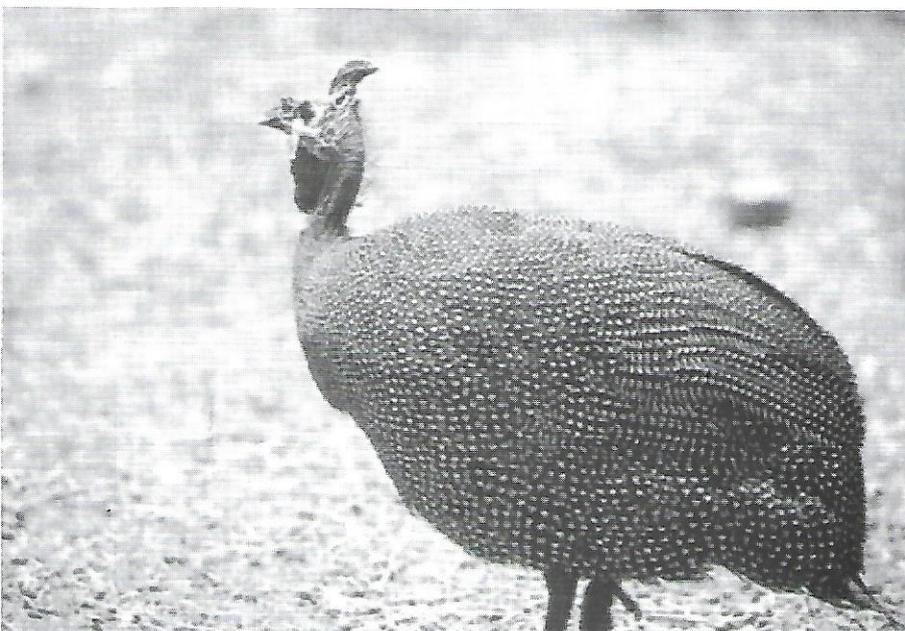
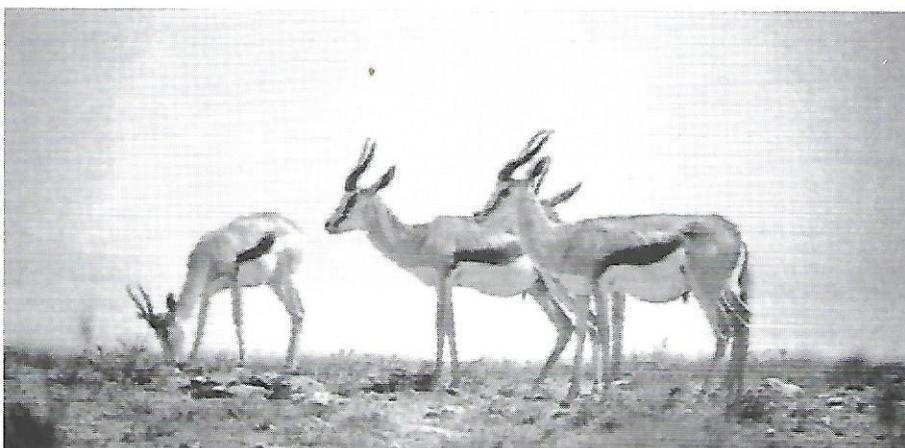
Resolvi contar-vos algumas peripécias passadas em Angola, que mais parecem anedotas.

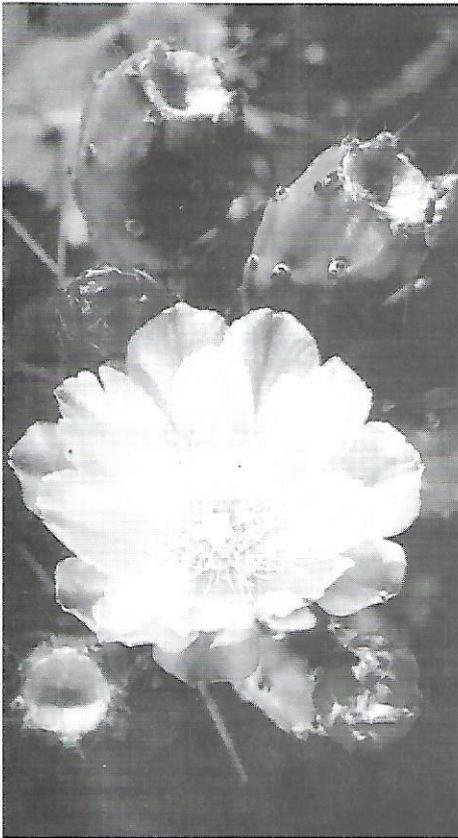
Os transportes no interior de Angola, são uma anedota. Grande parte dos veículos circulam em muito mau estado, completamente degradados e quase sempre sobrelotados. E, não pensem que os veículos vão a abarrotar apenas no seu interior, pois os tejadilhos dos autocarros também são utilizados.

Lembram-se talvez, daquela notícia do descarrilamento e posterior despenhamento de um comboio na Huila, serra da Chela? Pois bem, aquele comboio ia carregado com pesadíssimos blocos de mármore, do tamanho de grandes contentores e com destino ao porto do Namibe (ex-Mocamedes). Mas, a velha locomotiva arrastou para o fundo da serra, não só os ditos blocos, como também centenas de infelizes que iam a boleia, em cima desses blocos e que ninguém contabilizou ou noticiou. Será que tinham comprado bilhete?

No aeroporto de Luanda, ocorreu um episódio hilariante. Certa vez, quando os passageiros se precipitavam, para o interior de um pequeno avião russo, deram-se conta que excedia o limite de carga quando a frente do avião elevou-se qual cavalo empinado e a traseira apoiou na pista. Só então os passageiros se convenceram de que não cabia mais pessoal e foi possível fazer sair alguns deles.

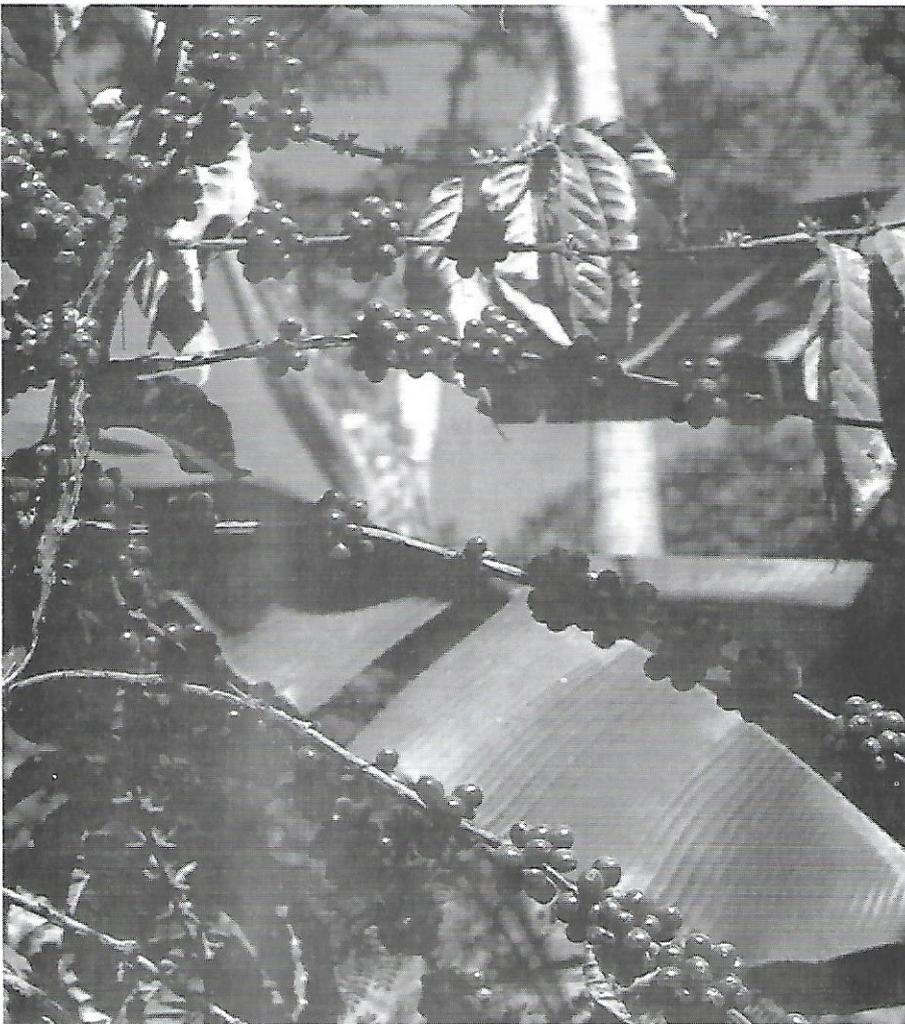
Numa ocasião em que me sentava





juntamente com os meus filhos ocupando lugares num avião da TAAG para regressar do Namibe para Luanda a hospedeira vem pedir-me se poderia sentar um dos meus filhos no colo. Eu respondi que comprara três bilhetes. Ao olhar em redor verifiquei que vários lugares eram ocupados por duas pessoas. E uma aventura viajar no interior de Angola, garanto-vos!

Há quem leve a galinha debaixo do braço ou o garrafão do petróleo. E que a sensação é o forte cheiro a queimado quando o avião está a aproximar-se da pista, como aconteceu naquela vez em que o piloto do avião decidiu encurtar a viagem que normalmente demoraria 75 minutos e que durou apenas 55 minutos do Namibe para Luanda...



Ai ué Angola...

Como já anteriormente vos havia dito sou professora de Geografia e, este ano, ao analisar os manuais para o oitavo ano, verifiquei que em muitos deles vêem relatos confrangedores do sofrimento do povo angolano para justificar o subdesenvolvimento.

As ONG (organizações não governamentais) tem desempenhado um papel importante na cooperação ao martirizado povo angolano. A ACM (Associação Cristã da Mocidade) em colaboração com a OIKOS tem prestado uma preciosa ajuda humanitária a Gabela. Bem hajam! Ai ué...

Para finalizar, como sempre, uma história das caçadas do meu Pai.

Querem saber como o meu Pai caçou um leopardo, ou onça (como lhe chamava-mos) sem ter disparado um tiro?

Certa vez, enquanto ele aguardava, numa roça da CADA, que lhe descarregassem o carro, o encarregado (capataz) contou que dias antes chegaram ali dois caçadores esbaforidos, assustados e esfarrapados dizendo que tinham ferido uma onça e que esta os havia perseguido, pondo-os em fuga. Ora depois disso, vários foram os relatos de ataques do referido animal ferido.

Pediram ao meu pai que abatesse a onça e indicaram-lhe a gruta onde ela vivia. E lá foi o Marques com uma lança improvisada a partir de uma catana, percorreu a gruta ora de cócoras ora de gatas já que os espaço era reduzido e por fim visualiza uns olhos a piscar. Avança com mais cautela e, por fim verifica, que eram duas crias de onça e que a mãe jazia morta.

quinta da califórnia (azeitão)



silva carvalho

A quinta da Califórnia é do meu amigo Veitos. Do casal. Os meus amigos Antónia e Manuel. Conheci-os na Quibala onde permanecíamos, antes da debandada forçada para Portugal, em 1974, após a revolução, dita dos cravos...

Pequena cidade do Centro de Angola, no rodoviário (o Entroncamento de Angola), ligação entre o Norte e Sul e o litoral, pelo distrito do Cuanza-Sul, bem perto da Gabela e Santa Comba.

O concelho da Quibala estava em plena prosperidade. Era uma zona de pecuária intensiva, com manadas de gado bovino para corte (abate) e leiteiro. Quem não se recorda do colonato do Catofe, de açorianos, com a sua cooperativa agrícola de leite, que abastecia a fábrica de lacticínios da Cela – a ELA, em Santa Comba e das imensas fazendas de gado bovino, mais que muitas, bem mais de cem,

dispersas pelo concelho da Quibala, postos do Cariango e do Hago onde, pela sua grandeza e organização destaco, só para recordar a fazenda América, a 10 ou 12 Kms da Quibala, com os seus 15 000 hectares de área e cerca de 10 000 cabeças de gado bovino para corte, para abastecimento de carne de gado de raça, apurada para o efeito. Seria difícil enumerar todas as explorações pecuárias do concelho. Como disse eram bastantes, com centenas de milhares de cabeças de gado bovino. Zona de exploração pecuária por excelência, donde se erradicou a mosca do sono (tzé-tzé) — Cariango e Haco -, o concelho da Quibala era também uma zona agrícola, dos chamados produtos pobres — milho e feijão, um autêntico celeiro, produtor da alimentação principal das populações autóctones e não só, com uma das maiores fábricas de farinha de milho e derivados — a Caima.

Ultimamente, porém, diversificou-se a

agricultura e outras se fomentaram, o arroz, Irmãos Raimundos com fabrica de descasque e, muito especialmente a cultura do abacaxi, onde pontificava a Fazenda Pampilhosa da Serra, com os seus 3 000 hectares, que fornecia quase integralmente a fábrica de transformação e aproveitamento total do abacaxi, de Barreiros & Vicente, no Dondo.

Como disse o concelho da Quibala em 1974, ano da revolução dos cravos, estava em pleno progresso e o seu desenvolvimento com investimentos fabulosos na pecuária e agricultura. Fica esta pequena referência para quem não sabia.

Perdi-me, divaguei e extravasei a sonhar... é dos meus setenta aninhos. Os meus amigos que me perdoem. Eu estava a referir-me ao casal Veitos (Antónia e Manel) que, repito, conheci na Quibala e que como eu, se retiraram para Portugal.

Retomamos...

A experiência das suas actividades lá, serviram-lhes para se estabeleceu cá. Para além de outras actividades exercidas, sempre a tentar refazer a vida cá, do “zero”, como a maioria, digo bem do zero, compraram a que é hoje a QUINTA DA CALIFORNIA, cerca de 10 hectares de terreno, em Brejos de Azeitão (AZEITÃO), nas faldas da serra da Arrábida, zona do vinho José Maria da Fonseca, tornando-se um produtor de vinho de marca – Quinta da Califórnia – tinto, branco e moscatel, de qualidade que se vai tomando uso o seu consumo.

São estes amigos (Antónia e Manel), que todos os anos nos convidam, a mim e minha mulher, simbolicamente, para as vindimas. Faço a minha obrigação, colaboro na vindima, sou repórter de serviço e usufruo de bom e lauto almoço, cozido a portuguesa, a “Dona Antónia”, para além do acompanhamento de um belo tinto corrente da Quinta da Califórnia, que é do agrado geral e alegre a centena de convidados que nos acompanham nas vindimas, parte deles oriundos de Angola.

E foi assim que passei o último domingo de Setembro, dia 29, nas vindimas, almoço e lanche (merenda) na Quinta da Califórnia, em convívio, regado com delicioso vinho da produção. Para o ano lá estarei. Obrigado meus amigos Antónia e Manel.

Munguwé, ate para o ano. Não me esquecerei...



ensem nisso

jorge domingues

1 - Com que direito a policia bloqueia os carros! Partindo do principio que um carro é propriedade privada é como colocarem uma corrente com cadeado no nosso portão.

2 - A justiça e os tribunais são independentes do poder politico mas neste país não funciona. O mesmo crime julgado no Porto ou em Lisboa tem penas diferentes. No Porto absolvem em Lisboa condenam e em Coimbra nem julgam. Um crime é julgado e condenado na comarca. Recorre para a relação é absolvido, recorre-se para o supremo é condenado, recorre-se para a Procuradoria é condenado, recorre-se para o tribunal europeu é absolvido. Assim o mesmo crime com as mesmas leis tem julgamentos diferentes. A justiça é cega, muito cega mesmo.

3 - A pedofilia e os pedófilos são tratados pelos media com muita emoção e com pouca objectividade, explorando o que de mais sórdido o tema permite; existe uma histeria na análise deste problema e metem no mesmo saco todos os casos.

Todos os pedófilos devem ser julgados e condenados mas a mediatizacao destes casos e do que mais sórdido encerram tem a ver com o *lobby* fortíssimo da comunicação social. A mim faz-me impressão que alguém idóneo ou um grupo de cidadãos livres presencie qualquer crime e o denuncie e o criminoso não é detido porque não foi apanhado em flagrante, e uma criança que pode ser instruída nesse sentido denuncie alguém como pedófilo que fica em prisão preventiva *ad eternum*.

4 - A prisão preventiva deveria ser apreciada num curto período de tempo e

o preso rapidamente julgado. Se qualquer pessoa é presumível inocente ate prova em contrário, então todos Os presos preventivamente são inocentes ate serem julgados; o problema maior é que um Sr. juiz qualquer condena porque é incompetente um inocente que mais tarde se prova inequivocamente que está inocente, a esse juiz nada acontece e ao desgraçado que foi preso inocente também ninguém indemniza, nem desculpa pedem. Num estado de direito todo o cidadão condenado inocentemente tem direito a indemnização grande e o Sr. juiz que o condenou deveria ser por sua vez penalizado como qualquer profissional incompetente; neste país parece que os juizes estão acima da lei, não se enganam e a sua actividade não é fiscalizada.

5 - Otel Saraiva de Carvalho dirigiu uma quadrilha, cometeu crimes de sangue e o processo foi arquivado. O meu vizinho Zé Maria passou um cheque sem cobertura, foi condenado a um ano de prisão efectiva.

6 – Os alunos que este ano prestaram provas para acesso ao ensino superior reprovaram numa grande percentagem.

Eu que tenho uma formação académica forte também reprovaria; nem licenciados em matemática, física, ou química resolveriam aqueles testes naquele tempo. As médias para entrar em medicina continuam a ser altíssimas, mas depois contratam médicos estrangeiros que tiraram o curso sabe-se lá com que média. E vulgar hoje um aluno universitário não saber a tabuada, o que é uma raiz quadrada, quem foi el-rei D. Dinis, em que tempo vive, em que lugar vive.

7 – A saúde é um buraco negro. Agora

para acabarem com as listas de espera inventaram um programa especial que permite que os doentes sejam operados em clínicas privadas mas com uma burocracia tremenda.

Era fácil resolver-se o problema; qualquer doente que não fosse operado em tempo útil num hospital público poderia recorrer aos serviços privados apresentando os médicos e as clínicas as contas ao respectivo organismo como acontece com a ADSE por exemplo. Acontece que a maioria dos hospitais são S.A. funcionando como hospitais privados; assim sendo na prática os doentes andam de hospital em hospital e deixam de ter prerrogativas ao único direito que deviam ter. Qualquer cidadão deveria ter o direito de ser correctamente assistido onde quisesse e por quem quisesse.

8 - Para terminar resta tratar da habitação. Qualquer jovem casal que queira comprar casa hipoteca o futuro no contrato que assina. Compra por 100 o que vale 30 e paga três vezes o que pediu emprestado. Assim sendo, neste país em que se deveria investir na juventude os jovens crescem em escolas em que não ensinam, fazem exames para os quais não foram preparados, são confrontados com injustiças diárias, não é fácil terem casa e é a nata da nossa sociedade que passa ao lado de carreiras brilhantes porque em S. Bento estão sentados uns senhores que também não sabem quem foi D. Dinis, não sabem a tabuada, não sabem o que é a raiz quadrada e muitos não sabem o hino nacional, só são deputados mas pouco.

Nos campeonatos europeus de atletismo – Portugal não ganhou qualquer medalha.

Nos jogos para deficientes Portugal foi o País melhor classificado.

notícias de um gabelense na cal

antónio p. fernandes

newark / califórnia 94560 – USA

Na Califórnia, mais propriamente na cidade de Livermore, também se reúnem, todos os anos, aqueles que tiveram a felicidade de viver e/ou nascer no ex-ultramamar português.

E no primeiro domingo de Agosto, num lindíssimo parque nas serras de Livermore, uma pequena cidade, mas com maravilhosas paisagens. E um parque com cerca de cinquenta hectares, no meio de umas serras. E das coisas mais lindas que se pode encontrar...

No centro tem um lago com alguns quilómetros, aonde se pode fazer uma maravilhosa viagem de barco, ou então passar-se umas horas a pescar. E um parque que tem mesas, fogareiros para se fazerem apetitosos churrascos ou quaisquer outros petiscos. Tem enormes árvores, árvores centenárias, que nos protegem do sol durante todo o dia. Debaixo delas jogamos, por vezes uma "biscada" que nos faz lembrar os



velhos tempos, quando jogávamos no bar Amboim, a um café e um bagaço ou no salão do ARA aonde fizemos um campeonato de sueca já lá vão uns bons anos, de que a nossa memória ainda se não esqueceu desses bons tempos que não mais voltam.

E neste parque que todos os anos nos encontramos, mas cada vez somos menos os que gostavam de estar presentes todos os anos, que são os mais velhos, só para falarem dos

tempos passados, de caçadas, horas em picadas enterrados, enfim tantas histórias que tinham para contar todos os anos. A maioria já partiu, os mais novos pouco ou nada se lembram do local onde nasceram. Esses só apareciam quando acompanhados dos seus familiares. Uns casaram e as esposas esse encontro nada lhes diz, outros que os seus partiram também deixaram de aparecer. Tudo vai acabando. Ainda existem meia dúzia de velhotes, dos quais faço parte que nunca faltam e conseguem que os seus também compareçam. E o meu caso. A minha família nunca falta, os meus dois filhos, dois netos e três encantadoras netas, ate porque eu fui um dos pioneiros deste encontro. Éramos cinco mas só dois continuamos a não faltar..

Nesse dia aparece muita gente da Cela e do Catofe, muitos deles meus conhecidos do tempo em que vivi na Cela Velha. Recordamos os tempos em que não havia estrada no Catofe, nem na Cela para Nova Lisboa. Ainda se passava numa jangada. Os serviços administrativos estavam todos na Cela Velha, pois ainda se andava a fazer Santa Comba. Recordamos um grande médico que havia no Hospital da Cela, o Dr. Saúl. Outro grande amigo que estava no mesmo hospital, o padre Coelho, nunca me esqueço de muitas coisas que ele me dizia. Recordamos quando passávamos a lagoa do Ebo e tinha acabado de chover, não se via o caminho porque a água passava por cima, tinha de ir o ajudante a frente para se não sair fora do trilho. A



ifórnia

primeira vez que isso aconteceu foi quando fui transferido para a Cela.

São dessas pequenas coisas que nós falamos e ate recordamos a minha primeira caçada na Cela com o porteiro do hospital, o senhor Afonso, que todos bem conheciam. Também falamos da boa camaradagem que havia na firma Duarte & Martins nesse tempo, com alguns a lembrarem-se dos julgamentos que fazíamos aos recém chegados a firma. Nesse piquenique de tudo falamos, recordando os tempos bem passados.

Os mais novos que os inicieei nas caçadas e a caça dos pombos verdes, a noite e com uma escada, que me perdoem, mas eram bons tempos. Tudo fazia parte da nossa juventude. Saudades para todos...



comunicação

Caro Gabelense:

Não sabemos até que ponto haja interesse em cada um receber o nosso "Boletim", que ate agora tem sido enviado para todos, indistintamente, cerca de seiscentos exemplares, sem questionarmos a contribuição do pagamento da quota anual, de • 10,00 (dez euros) que, para além da contribuição dos patrocinadores, são os meios financeiros que dispomos, para fazer face as despesas com a edição, impressão e remessa do boletim, cerca de • 2100,00 por ano,

para dois boletins (semestral).

Face as dificuldades económicas originadas pela diminuição das verbas da quotização, somos forçados a fazer uma contenção de despesas que, no essencial, atingirá a publicação do boletim, pela redução do número de exemplares, para enviar aos leitores.

Assim, este ano, manteremos, excepcionalmente, o envio para os leitores, com quotas em atraso, eliminando apenas a remessa para os que nunca pagaram as suas contribuições, ou tenham em atraso mais de cinco anos de pagamentos de quotas.

Para o ano somente será enviado para os sócios com quotas em dia.

Contudo, os boletins estarão a disposição dos interessados, no dia do nosso encontro, ao preço de • 10,00 (dez euros), por dois boletins.

Os interessados que desejarem por em dia as suas quotas podem fazê-lo, por transferência bancária, através da conta n.º: 0561014611530, da Agência da Caixa Geral de Depósitos, em Oliveira do Bairro.

Continuamos a contar com o apoio, compreensão e solidariedade dos gabelenses, que nunca nos foi negada e que muito agradecemos.

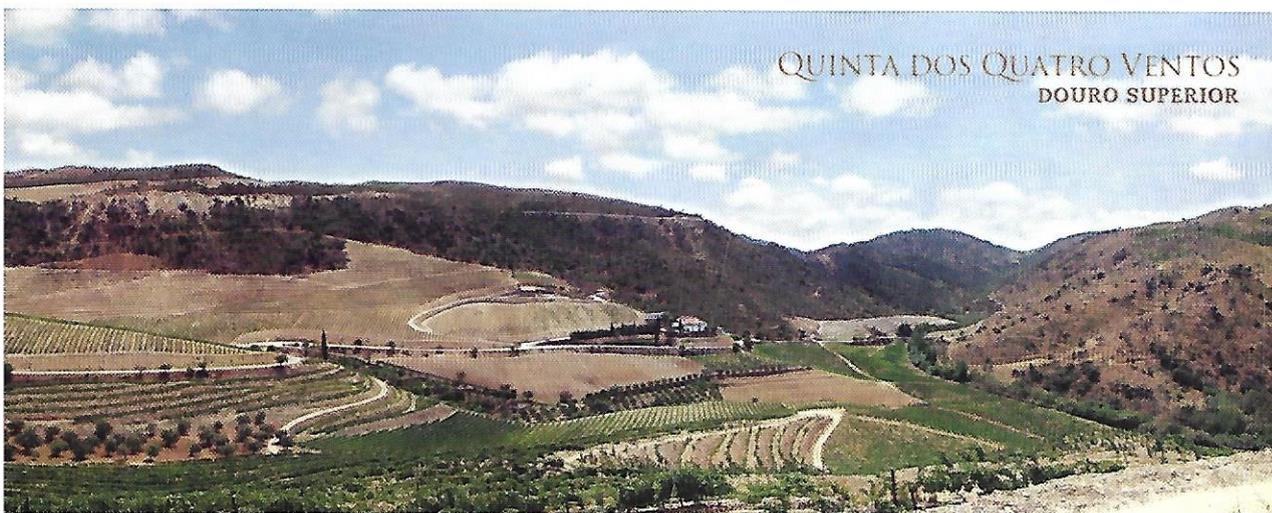
CAVES ALIANÇA

Há cerca de 75 anos, na Vila de Sangalhos, na região da Bairrada, onze sócios liderados por Domingos Silva e Angelo Neves, decidiram unir forças e fundaram a então designada por Vinícola de Sangalhos, Lda. Desde logo a empresa começou a exportar para o Brasil, África e Europa na década de 50, adoptou o nome que hoje conhecemos: Caves Aliança, e que, tanto em Portugal como no resto do mundo, é sinónimo de vinhos, espumantes e aguardentes de qualidade. As Caves Aliança cresceram e modernizaram-se, organizando-se numa estrutura de Grupo.

A aposta na qualidade levou a empresa a adquirir Quintas em regiões como o Alentejo, Dão, Douro, Bairrada e as Beiras. Nestas explorações foi encetado um profundo trabalho de reconversão e plantação de vinhas. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido pela equipe técnica das Caves Aliança, em parceria com dois "world Class WineMakers" Michel Rolland e Pascal Chatonnet. O investimento feito nas áreas da produção estende-se também ao nível da vinificação, com instalação de modernas adegas e constituição de um parque de barricas de carvalho de elevada qualidade, para estágio dos vinhos. Paralelamente, a empresa tem investido em modernos sistemas de gestão/informação SAP e CRM.

Esta estratégia começa agora a dar os seus frutos, como poderemos constatar pelos enúmeros prémios obtidos recentemente. Como é o caso do "T" Qt^a da Terrugem 1999, considerado um dos melhores vinhos Ibéricos, os prémios da Revista de Vinhos, e de diversas revistas internacionais.

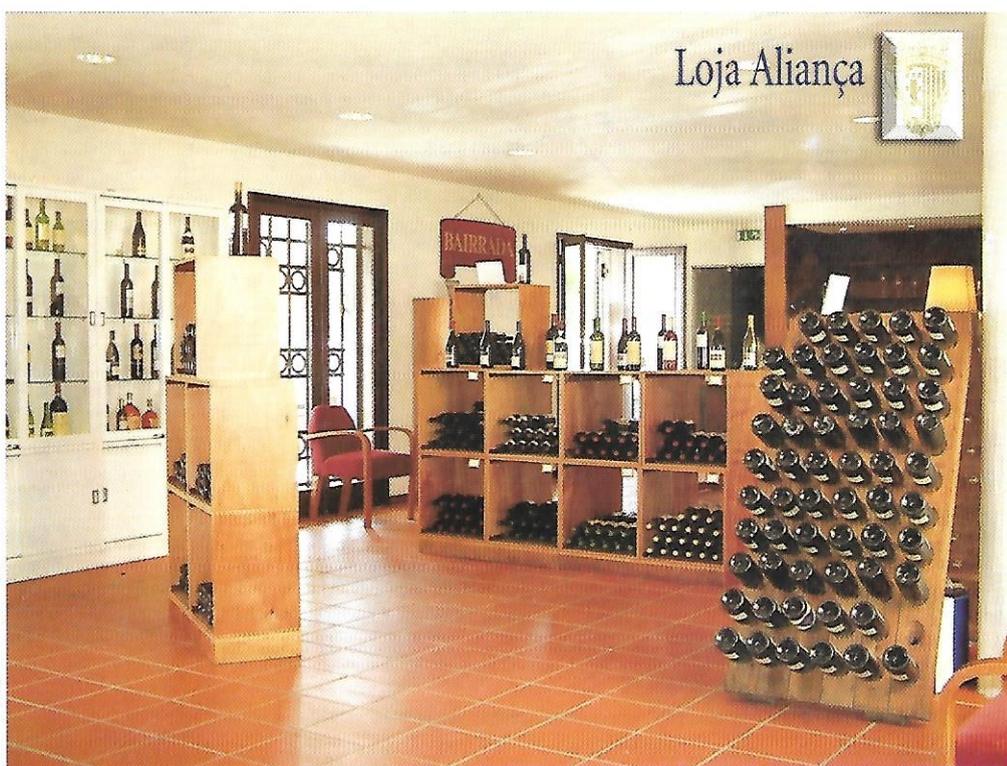




Caves Aliança, S.A.
Rua da Misericórdia
Sangalhos
Telef. 234 732 000

www.caves-aliança.pt
calianca@caves-alianca.pt

Visitas: 10h30, 11h30, 14h30
15h30, 16h30



o colono

mário ângelo frota

Abalara vergado ao peso das responsabilidades familiares que contraíra.

Abandonara a sua Académica que o alcandorara a herói pela vitória na Taça (a Primeira) de 39.

Prescindira da carreira que abraçou e a que se entregava com invulgar devoção.

Demandara os longes ignotos com o espírito que o trouxera do chão amado do Carvalhal Formoso, lá para as bandas de Belmonte, ao jeito de quem não teme a aventura e desafia as procelas do mar alteroso rumo as inóspitas plagas africanas.

Acolhera-se inicialmente a sombra de um irmão empreendedor que se instalara em Luanda.

Frustrada a experiência de vida na capital, desencanta do baú com que se fizera ao mar, amparado em quatro rebentos em que se inspirara para afrontar os reveses com que a vida o brindara, o diploma da Escola Superior Normal que, findo o 7º ano do Liceu, cursara e o habilitara a docência.

Investido em funções de Mestre-Escola, demanda a verdejante Lubango, altaneira, nos contrafortes da Chela, promissora região que os cabouqueiros oriundos da Madeira conformaram a golpes de audácia e com o desvelo das mãos de quem ama entranhadamente a terra acolhedora que se abre como virgem ardente a paixão que incendeia a alma.

No seu mourejar, privilegia com invulgar mestria os dotes que o impelem para a juventude: consagra-se generosa e devotadamente aos jovens, na multirraciedade que fora a experiência de vida de uma sociedade sem barreiras étnicas (mas obviamente com divisões económicas como as que se acham onde a etnia é única e singular): vota-se ao desporto escolar, treina a Mocidade, cria a Académica da Huíla, ei-lo ao leme da selecção da Huíla. Mais tarde, dirige uma instituição do Estado que acolhe de todos os cantos de Angola crianças, jovens e adolescentes que frequentam estabelecimentos de ensino da área pedagógica da Huíla. E aí desenvolve inolvidáveis actividades de formação.

Os mais novos a quem ensinara as primeiras letras, jamais olvidarão os feitos heróicos que Lhes transmitia com invulgar entusiasmo e o halo de lusitanidade que imprimia a narrativa histórica

10 DE JUNHO

Céus e mares de Deus
O história do mundo inteiro,
Vos sabeis que, em toda a Terra,
Portugal foi o primeiro!

Sabeis dos conquistadores,
Dos nossos navegadores,
A vida, os feitos, a gloria,
A alargar a fé, o império,
Num mundo só de mistério.

Ainda sabeis de cor
A vida cheia de amor
Dos nossos mártires santos,
Que, em defesa da Verdade,

Tão cheios de santidade...!
Sublimaram seus encantos.
Sabeis dizer a primor
A história do seu cantor,
Aquele incompreendido
Que tanto sofreu na terra,
Desde a fome a guerra,

E morreu desconhecido...
Então, ó brisa divina,
E tu, onda cristalina,
Ó história da humanidade,
Gritai alto aos portugueses
Que se curvem reverentes
Neste dia de saudade.

E, depois, aos mais meninos,
Em seus peitos pequeninos
Agitai seus corações.
Ponde-lhes as mãos em doçura
E o Joelho em curvatura,
Numa saudade a Camões.

E, para sobreviver, que magros eram os proventos da docência e farta a prole de quem praticava exemplarmente os mandamentos da Igreja, consagra-se a outros mesteres.

Cedo, em jeito de prece, dirige a Senhora do Monte uma oração impregnada de ternura:

Nossa Senhora do Monte,
Por maior que seja a calma,
Tem a frescura da fonte
E mata a sede da alma.

É alta fraga o altar...
Mas, por todo o horizonte,
Quem passa sem te fitar,
Minha Senhora do Monte?!
Tem aos pés a sua fonte
Que mata a sede a quem passa

E vai rezando baixinho
(Pelas curvas do caminho):
«Maria, Cheia de Graça...»

Em momento de fundo desalento, em que a inspiração de poeta desabrocha, confiou ao papel as saudades da Mãe, nos idos de 46, em poema a que dera o subtítulo de O COLONO:

A casa... o campanário... o céu
Saudades assim, ninguém tem...
Porque sucumbo a recordar
A minha terra... a minha Mãe

Santa velhinha que ficou chorando
Lá na serrania do meu Portugal...
E eu já não posso suportar meu mal...

Muito ao doce lar e vou deixar aqui
Meu fato branco e meu chapéu de
linho.

Quero pegar novamente o meu cajado,
Voltar a ser pastor no meu cantinho...

Quero o remanso das minhas ovelhas,
P'ra lembrar da flauta as melodias,
Quero rezar ao pé da minha Mãe,
Ao doce badalar d'Avé-Marias

Ao pranto do colono [colono deu como corruptela nos plainos da Chela CHI (os) CORONHO (colono)] sucedia-se a vontade indómita de derribar os obstáculos que se antepunham, na transparência do exemplo, no luzeiro ofertado como sinal a comunidade envolvente, nos discípulos que criara, no fervor com que quotidianamente punha um adobe mais na edificação de uma sociedade plural, multirracial, multi-ideológica, no sacrossanto respeito por liberdades intrínsecas a natureza humana que poder nenhum

sufocaria: Angola era expressão de democracia social.

E, nas fichas de polícia em que ao tempo se plasmavam os traços da natureza de cada um e todos, em particular dos que a função pública se votavam, um registo se surpreendeu: “não e da situação, mas é um cidadão exemplar”.

E que fosse da situação! Importante é que se seja vertical, Integro, sério, portador de valores.

Desfez-se do que da massa da herança lhe coubera em quinhão lá para as bandas da Cova de Beira.

A sua terra, mitigadas as saudades do chão natal, era a radiosa Angola, que o acolhera generosamente no seu seio, a sua comunidade a dos que na grande Academia, que fora o Liceu da Huíla, se preparavam para a magnitude das missões do devir.

Nas actividades complementares que desenvolvera foi explicador, camionista, treinador gracioso de futebol, pastor das ovelhas que transpusera para os espaços em que pretendia reconstituir a sua Serra da Estrela, irresistível tentação de quem não projecta regressos, sequer episódicos, de quem transportara raízes para se enraizar noutra latitude, rodeado pelos filhos que a terra pródiga lhe doara ungidos por Deus.

E a figura do desportista de eleição que fora e era, exaltava-se em esplendor em particular quando os Estudantes de Coimbra deambulavam em digressão

pela amada terra a que em 1482 Diogo Cão, patrono insigne do seu Liceu — Academia, aportara.

Amara entranhadamente a terra e Os jovens que nela se formavam com as saudáveis praxes importadas da Lusa-Atenas nas condicionantes do tempo.

Uma trintena de anos se escoava.

Os algozes da história projectaram-no e aos seus ainda dependentes, esvaído, perturbado, para o porto de cais do exílio sem retomo — nas contas do tempo, cercado pelos desconjuntados caixotes do magro espólio de um abandono com ressaibros de hedionda traição, é a imagem do campanário que ante a imponência de uma terra úbere e acolhedora retoma ao espírito, num adeus ao futuro, num regresso apoucado ao passado. Do campanário de que saudades não nutria, obnubilado por campanários outros que edificara na terra adoptiva.

E no cuidado balanço de uma vida, é o deficit que avulta no *superavit* do rol de realizações sem par que os filhos espúnos de uma pátria ferida pela ignomínia da História, projectam, negando-se e negando séculos de convívio.

O insuspeito António José Saraiva que, por oposição ao regime, se exilara longamente no Brasil, chamou-lhe “a página mais negra da História de Portugal”, que desde logo os velhos próceres do novo poder procuraram branquear sob o apodo de “exemplar descolonização”.

“Só teremos de chorar os mortos se os não soubermos respeitar em vida”.

E não os respeitaram os que negaram e fizeram precipitar a História.

A esperança renascida nos alvores de 92, que Alvor sepultara, levara-o de volta a Angola.

De dignitários do poder a cidadãos anónimos, reconhecendo-o, saudaram-no e homenagearam.

Confiara. A breve trecho ecoa de novo o som da metralha. Angola é condenada as gales.

Tal como na turva estratégia dos ínvios políticos de Lisboa, de novo se precipitara a luta fratricida em que um milhão de vidas se consumiria.

Na contemplação das sombras em que pretensos “vultos” se transformaram, sob a epígrafe VENENO, escreve:

“O homem que o é de “h “pequeno
E um reles frasco de veneno
Que ultrapassa o vil odor das fezes.
E um produto adulterado,
- O fétido e imundo
Duma prisão de ventre em nove meses”

E ao “aportar” a Batalha, após a catástrofe por que se saldara a “exemplar descolonização”, terra a que nada o ligava, a não ser o facto de ali haver logrado habitação, registara

Estamos longe
Ou já é perto
Dos limites do Deserto
Para a Terra Prometida?

Deus o sabe.
Mais ninguém.
- Entre amigo!
- Donde vem?

Das lonjuras do caminho...
- não é pouca a minha idade...
à procura do conforto
Que só há na eternidade.

Descanse por um momento
Neste seu acampamento.
Temos pão e temos vinho...
- se tiver necessidade,
Fale com sinceridade,
- Leve pão para o caminho!

Resistira ao infortúnio, retirara-se do fecundo convívio com a juventude, preencheria o tempo consagrando-se ao artesanato que lhe completaria a magra reforma de inspector escolar, a que acedera quando bruscamente o retomo das caravelas... se aprontou...

Finou-se perto dos 90: a 5 de Fevereiro de 2002

E, em reflexão terminal, indagava-se:

“Mas quem somos, afinal?!
Na vida... bem pouquinho...
Depois do vendaval
Só destroços no caminho”.

O registo é imperfeito, incompleto, quiçá, inconsequente..

A homenagem, porém, é sentida. Merecida. Para lá de merecida.

Em Alexandre Simão Portugal, cidadão do mundo, que nunca se reviu no estatuto dos primitivos colonos, que desbravaram o inóspito sertão, na acepção tradicional do termo, mas que contribuiu a seu modo para o desbravamento de inteligências, para a materialização do lema ora caído em olvido – “mens sana in corpore sano” –, que subtraiu a ociosidade crescentes camadas de jovens de todos os estratos, condições e modos de vida,

que deu a Angola e aos angolanos de todas as matizes, nos quadros do tempo, o seu intelecto e sua energia contagiante, em Alexandre Simão Portugal – o Prof. Portugal para tantos que com ele privaram e dele fruíram ensinamentos e orientação – o preito de homenagem a quantos, em mourejar permanente, construíram uma portentosa Angola que outros, na sua avidez insaciável, lançaram na mais ignóbil destruição.

Terra de afectos, Angola não merecia que o fruto de tantos – brancos, negros, mestiços feitos do amor de povos e raças distintos – se houvesse ingloriamente malbaratado, num retrocesso a barbárie.

E quando insuspeitos agentes do mal, cuja personalidade se argamassou em ódios e propósitos de incontrolável destruição, se deleitam em denegrir uma colonização que, essa sim, nos seus desacertos pontuais, foi exemplar, homenagear quem em domínios distintos soube construir um País portentoso que o desvario de gente desprovida de senso e de humanidade lançou para o esgoto da História ⁽¹⁾ é imperativo de cidadania, é dever de elementar justiça que ninguém de coração lavado e ideal alevantado se recusará a subscrever.

Que na sublimidade do gesto a História o registre!

(1) Um dos filhos de Alexandre Simão Portugal – Emídio Artur Marini Simão Portugal (o Mimi), exímio intérprete da canção de Coimbra – Fados e Baladas, e fundador do Grupo “Trova Nova” – foi professor na Escola António Barroso, da Gabela, de 1973 a 1974.

meditando no passado



antónio p. fernandes
newark / califórnia 94560 – USA

Hoje que estamos no final da nossa vida, quando me encontro só em casa, vou para o meu quintal, ora sentado debaixo de uma parreira, ora debaixo de umas figueiras ou outras árvores que eu fui plantando, já a pensar nos dias que se aproximam. A sombra que elas me dão, para meditar no passado e, como já estou a caminhar a passos largos para o final de vida, ainda mais coisas me vêm a cabeça.

No que mais penso é no meu tempo de jovem e na minha mocidade que eu sempre vivi a pensar no futuro, nunca pensando que os últimos dias da minha vida seriam passados nesta imensa Califórnia, terra de muito futuro e de muitas oportunidades, que alguns dos mais novos sabem aproveitar. Nós já cá

chegamos com a nossa mente um pouco cansada, já com muitos “quilómetros” feitos, por isso não aproveitamos todas as oportunidades que nos apareceram pela frente. Talvez porque vínhamos um pouco desiludidos de um país onde trabalhamos e nada recebemos. Levamos mais do que aquilo com que regressamos...

Meditando nos tempos que passamos em picadas, sem condições nenhuma, isolados no mato meses sem falarmos com um branco, trabalhando sete dias por semana e, se a qualquer hora da noite nos batesse a porta um nativo (negro), que necessitava de qualquer coisa nós estávamos sempre disponíveis.

Muitas vezes quando já trabalhávamos por nossa conta, apanhávamos cada

pancada de chuva, hoje nem é bom pensar. Sempre na esperança de fazer crescer o país que foi destruído num ano. Sempre convencidos que iríamos viver num país dos mais prósperos de África e porque não do mundo? E que Angola se não fosse a tempestade que caiu sobre ela, hoje dava que falar em qualquer parte do globo. O seu progresso era de tal maneira que foram as grandes potências que ajudaram a destruí-la.

Então quando penso no passado reconheço que o pior que fiz foi ter ido para Angola. Foi uma mocidade perdida e destruída porque foi lá que deixei o melhor da minha vida, que foi a minha mocidade, mocidade essa sempre a trabalhar, convencido que um dia iria aproveitar algo desse trabalho - tudo errado. O que mais me faz pensar e



que se eu nesse tempo em vez de ir para Angola viesse para a Califórnia, hoje seria como milhares de portugueses que aqui vivem e que vieram jovens, trabalharam e estabeleceram-se por sua conta. Hoje a economia do Vale de San Joaquim está na mão deles. E verdade a economia deste imenso vale está na mão dos portugueses. Os maiores ranchos, os maiores criadores de gado. E que há poucos anos 80% da pecuária deste vale era dos portugueses, hoje ainda deve ser mais de 60% porque os mais novos já não seguem os passos dos seus pais. As grandes propriedades são dos portugueses, há aqui portugueses que para se percorrer as suas propriedades só de avião.

Em todas as cidades existe um salão de festas construído pelos antepassados, salões que as cidades davam milhões para comprar os terrenos pertencentes as essas

Irmandades do Espírito Santo.

Desde o primeiro domingo de Maio até Outubro que se realizam festas do Senhor do Espírito Santo, mas são três e quatro cidades a fazer no mesmo dia. Para essas festas matam quinze a trinta vacas só para servir nos salões dessas Irmandades, toda a gente come de graça, qualquer pessoa pode entrar, servem de cada vez para cima de quatrocentas pessoas, não se sabe quantas vezes por dia, enquanto houver pessoas estão sempre a servir. Essas vacas são oferecidas pelos portugueses que tem ranchos, a pedido dos presidentes das festas e os animais são-lhes oferecidos. Todos os anos os rancheiros portugueses oferecem centenas de vacas para essas festas. As festas são muitas. Todas as festas levam três ou mais bandas de musica todas elas portuguesas. Cada cidade tem uma banda de música. San Joaquim tem três, fazem uma parada com uma rainha grande e duas damas

acompanhantes; uma rainha do meio e duas damas; e uma rainha pequena, também acompanhada com duas damas.

Voltando a falar em animais, os criadores quando oferecem é sempre do melhor que tem, eu posso confirmar porque trabalhei em alguns matadouros onde se abatia gado para diversas festas, até os inspectores quando elas entravam me diziam:

Tony estas são para a "portuguesa festa"? E que o gado tem de ser abatido num matadouro para ser todo inspeccionado, só assim pode ser servido ao público.

Por tudo o que passei e tempo que vivi, hoje penso para comigo que foi mal empregado o tempo que passei em Angola. Se fosse neste país hoje via compensado o valor do meu trabalho. O meu passado foi um tempo perdido, para esquecer, embora não seja fácil.

conhecer *versus* verdade

luís de sousa

Em termos simplistas e em perspectiva linear, dir-se-á que conhecer uma coisa é fazer corresponder aquilo que a coisa é àquilo que se pensa que a coisa é.

Nesta óptica, configurar-se-á uma coisa ali fora, no exterior, outra coisa cá dentro, no interior da cabeça, no pensamento, na mente, no espírito.

Todavia, a coisa no interior da cabeça poderá ser perspectiva como correspondente à coisa postada no exterior tal como ela é efectivamente, como também poderá ser perspectivada como não correspondente à coisa que ela é na realidade.

De conformidade com a primeira das duas perspectivas, a representação no interior da cabeça da coisa postada no exterior, não é senão uma simples reprodução da realidade.

De modo contrário, sustentar-se-á a perspectiva de que a dita representação não é nenhuma reprodução mas sim autêntica produção do pensamento, pensamento que, no processo do conhecimento, será tudo, assume posição fortemente activa e não meramente passiva como supõe aquela outra perspectiva.

As coisas são como são ou são como são pensadas que são. Duas correntes de pensamento se confrontam: realismo e idealismo.

Dá-se conta da multiplicidade infinda de coisas e coisas em gravitação no exterior: coisas concretas, objectivas,

sensíveis. Coisas da natureza, fenómenos. Têm-se todas essas coisas como sendo a realidade que integra o universo da natureza.

Dá-se conta da dualidade do ser humano: não só corpo mas também espírito. Espírito, entenda-se como sendo aquilo que é suposto diferenciar o ser humano das restantes coisas da natureza e pelo qual o homem desta se exclui sem embargo de o seu corpo se confundir com a exterioridade e, conseqüentemente, fazer parte integrante da natureza.

O espírito afirma-se como algo abstracto, subjectivo, inteligível, que se desenvolve no interior do ser humano sem qualquer possibilidade de, directa e imediatamente, entrar em contacto com as coisas do exterior no processo do conhecimento, do mesmo modo que as ditas coisas da natureza não poderão penetrar no interior das cabeças humanas e aqui se apresentarem ao pensamento.

Dada a extensão da temática acabada de aflorar, há que a restringir a um dimensionamento mais compreensível, estruturado e sistematizado a partir da questão da possibilidade ou da impossibilidade do conhecimento se realizar enquanto correspondência entre aquilo que a coisa é e aquilo que se pensa que a coisa é.

A teoria do conhecimento tenta interpretar e explicar o conhecimento das coisas, ou seja, põe a questão de saber se, na vida, se conhece algo ou se não se conhece nada. E se se conhece algo, o que é que se conhece,

onde se conhece, quando se conhece, como se conhece, quem conhece, por que se conhece e para que se conhece.

Que, na vida, se conhece algo, afigura-se ser dado adquirido, questão incontroversa. O conhecimento é, portanto, evidentemente possível.

Inferida assim, com a clareza das coisas simples, a possibilidade do conhecimento, suscita-se a questão de saber o que é o conhecimento.

Lograr-se-á dizer que o conhecimento será, ao nível do entendimento, a ligação em conceitos das representações intuitivas ocorridas na sensibilidade e advindas de uma primeira e como que espontânea síntese da multiplicidade de dados captados da natureza, captados da realidade externa, captados da realidade que circunda o homem, pelos órgãos dos sentidos.

Por outras palavras e em suma: o conhecimento é o acto de conhecer.

E o acto de conhecer revela-se no alcançar da verdade, sendo que, mais assim ou mais assado, a verdade alcançar-se-á, tal como se disse acerca do conhecer, na correspondência, no ajustamento, no encontro entre o pensamento e o objecto pensado.

Arrumadas do jeito em que o foram estas primeiras linhas na abordagem da possibilidade do conhecimento e do saber o que é o conhecimento, importará ainda indagar se, para além das coisas da natureza, dos fenómenos, se porá algo mais susceptível de ser conhecido em

termos de verdade.

A questão ora posta tem guarida em sede das coisas da metafísica e da religião, com debates que, para o comum dos mortais, deslizarão em roda livre para a discussão do sexo dos anjos com passagem por abstrações complexas, obscuras, confusas, vagas. Por isso mesmo e não só, convenhamos, a abordagem do conhecimento, a abordagem da verdade, em tais domínios, tornar-se-á intrincada, muitas vezes irredutível e de todo inalcançável pela razão de acordo com a óptica criticista.

O alcançar do conhecimento, o alcançar da verdade, pressupõe um processo, um certo e determinado caminho a percorrer no espaço e no tempo. Pressupõe, em suma, a adopção de um método.

Pois então como se conhece?... Conhece-se adoptando e seguindo com rigor um método, um caminho adequado.

No caminhar em busca do conhecimento, em busca da verdade, o pensamento há-de ser discursivo e coerente. Este será o meio e o modo de conhecer: pensamento discursivo em desenvolvimento coerente, seguindo adequado caminho no espaço e no tempo rumo ao objecto do conhecimento com o propósito determinado de o alcançar e na esperança de quedar-se, por fim, em concordância com ele, em correspondência, em harmonia, se não total, plena, absoluta, pelo menos aproximada em termos universais e necessários.

Sem pensamento não há como conhecer. Haverá sensações, meras

reações a impressões.

O pensamento válido e verdadeiro, único instrumento, único meio de conhecer, veicula e tenta realizar o conhecimento, a verdade. Discorrerá na observância dos princípios da lógica, pois só assim será coerente, válido e virtualmente verdadeiro; processar-se-á passo a passo; desenvolver-se-á com princípio, meio e fim, com cabeça, tronco e membros – sem atropelos, sem saltos para cima e para baixo, sem desvios para a esquerda e para a direita – devendo passar assim por etapas, por três níveis do conhecimento: o da sensibilidade, o do entendimento e o da razão.

Conhecer no verdadeiro sentido do termo é atributo do homem. Nesta perspectiva só o homem conhece. E o homem conhece como conhece por dispor de um instrumento, de um meio poderosíssimo: pensamento supinamente adestrado e altamente capacitado em termos de elaboração e com a faculdade de se desenvolver no seu caminhar percorrendo os aludidos três níveis, do mais baixo ao mais alto e do mais alto ao mais baixo, direccionado para a sempre desejada plena realização do homem.

Em conclusão: o conhecimento, a verdade, não só será possível como terá por objecto as coisas da natureza, os fenómenos; conhece-se no espaço e no tempo seguindo-se um caminho, um método; só o homem conhece no verdadeiro sentido do termo porque dispõe de um meio poderosíssimo adequado para o efeito; e conhece como conhece para mais facilmente garantir a sua manutenção na vida e a sobrevivência da sua espécie na intrincada

complexidade do seu universo. Para além do mundo físico, objectivo, sensível, o pensamento humano tem necessidade imperiosa de pairar, alancandor-se, elevar-se ao domínio do metafísico, do inteligível e também ao domínio do religioso com todo o cortejo das suas inúmeras ambiguidades e prenhe das mais variadas fantasias do imaginário.

Não se conhece com os órgãos dos sentidos, com os olhos. Conhece-se com o pensamento. E conhecer com o pensamento é saber pensar.

Ao nível da sensibilidade, ali onde se projecta a acção dos sentidos, o conhecimento começa por ser informado, por ser representado na intuição, primeira síntese do conhecimento – tosca, bruta, dura, nebulosa – que, pecando por excessiva extensão, se torna pouco compreensível; a intuição carece de nitidez na forma, padece de contornos difusos; é caracterizada por ser complexa, obscura, confusa, vaga; não propicia, por isso, um verdadeiro conhecimento, é um mero sentir as coisas.

Ao nível do entendimento, o conhecimento passa por ser informado, por ser representado, na percepção para uns, no conceito para outros, síntese suficientemente elaborada.

Ao nível da razão, o conhecimento atinge o seu ponto mais alto na ideia, síntese das sínteses.

É a razão que dá as formas “a priori” e transcendentais kantianas nas quais os dados captados em bruto da realidade externa pelos órgãos dos sentidos são moldados em sínteses do conhecimento.

O conhecimento é unitário e processa-se entre duas sínteses. Parte de uma síntese concreta para uma outra síntese abstracta. Parte de uma intuição para uma percepção ou conceito.

A primeira das sínteses é realizada na intuição, como que de "motu proprio", como que espontaneamente.

Depois desta mesma primeira síntese, unidade sintetizante dos dados captados do exterior, pouco clara, mal definida nos seus contornos, haver sido examinada e decomposta pelo entendimento nos seus elementos constitutivos, isto é, depois de os referidos elementos haverem sido meticulosamente divididos (analisados), são seleccionados, classificados por ordem hierárquica e sistematizados.

Segue-se a segunda síntese realizada na percepção ou conceito e, com ela, então o verdadeiro conhecimento realizado ao nível do entendimento.

São formas da razão representadas na ideia o espaço e o tempo (razão pura).

São formas do entendimento representadas nas categorias – divisões do ser enquanto realidade ontológica – as quantidades, nas suas subdivisões do universal, do particular e do singular; as qualidades, nas suas subdivisões do afirmativo, do negativo e do indefinido; as relações, nas suas subdivisões do categórico, do condicional e do disjuntivo; as modalidades, nas suas subdivisões do apodíctico, do assertório, e do problemático (razão prática).

Conhecer, no verdadeiro sentido do termo é, ao que já se disse, algo que acontece em lugares do espaço e em momentos do tempo como atributo do

ser humano e do seu pensar. O desenvolvimento do pensar válido, seu uso correcto e adequada aplicação, conduz ao progresso que, por sua vez, tem o condão de levar o homem a adaptar-se mais facilmente à vida e às coisas na indómita luta pela manutenção e sobrevivência da espécie.

O conhecimento e a verdade são uma e a outra face de uma mesma moeda. O conhecimento procura a verdade e a verdade alcança-se com o conhecimento.

Assim como assim e quanto a uns, o conhecimento, a verdade, há-de traduzir-se na ideia revelada ao espírito do homem por reminiscência do mundo dos arquétipos onde esse mesmo espírito, agora enclausurado no corpo humano e temporariamente afastado daquela outra realidade por limitação desta, antes coexistira com a totalidade dos modelos de todo o existente e, conseqüentemente, no conhecimento pleno de tudo quanto existe.

Quanto a outros, não existe nenhum mundo dos arquétipos. O suposto mundo dos arquétipos não passa, em verdade, de mera invenção, pura fantasia do imaginário humano – digam-me, pois, onde se situa ele, onde estará ele, onde poderemos encontrar esse tal mundo dos arquétipos, dos modelos?!... – o que existe, efectiva e inegavelmente, é tão-só este mundo muito terreno, muito concreto, o mundo dos objectos, do real, o mundo das coisas objectivas com as suas características particulares, o mundo das coisas sensíveis, do superficial, do mutável; este mundo que não outro, o da natureza tal como a sentimos e em que, afinal, vivemos com todas as

atribuições do nosso quotidiano, o mundo das coisas como nos parecem ser, o mundo das aparências, dos aspectos exteriores, do inerente por contraposição ao imanente, das coisas contingentes, em suma, o mundo dos fenómenos.

O mundo dos fenómenos, das coisas da natureza, o mundo dos fenómenos contraposto ao dos númenos, ao das coisas pensadas, será, do ponto de vista supracitado, aquele em que a verdade se revela como sendo a representação dos objectos externos no intelecto tal qual se apresentam na natureza e jamais de modo diverso. As coisas são o que são e do modo como o são. A representação das mesmas quer se refira à sensibilidade e na forma da intuição, quer se refira ao entendimento e na forma da percepção ou conceito, será sempre a reprodução, cópia exacta, reflexo directo, das coisas como o são na realidade. Tudo se passará na mente humana como se o fora em câmara fotográfica ou numa fotocopiadora. A representação da coisa não receberá, nesta perspectiva, qualquer contributo activo do pensamento. O pensamento quedar-se-á passivo. Vale por dizer: os objectos do conhecimento existem independentemente do pensamento.

O conhecimento é objectivo.

Outros haverá ainda para os quais a verdade se revela ou como conteúdo da consciência ou como concepção, produto puro, do pensamento. Quer se aceite um quer se aceite outro dos posicionamentos da alternativa, sempre se sustentará que o conhecimento, a verdade, nunca será nenhuma reprodução, cópia exacta, reflexo directo, da realidade externa. E quando

extremadas estas mesmas posições, particularmente a segunda, ser-se-á levado a concluir, necessariamente, que nada existe para além do eu pensante. Fora do pensamento não é possível conhecer seja o que for, tornar-se-á impossível a verdade. Tudo se consubstanciará, portanto, na ideia. A ideia será a única realidade de que o ser humano dá conta em termos de conhecimento. A verdade não poderá ser mais do que a conformação do pensamento consigo mesmo baseada no princípio lógico de que o que é, é e suas derivações de que o que é não pode ser e não ser ao mesmo tempo sob o mesmo aspecto e o que é ou é ou não é.

O conhecimento é subjectivo.

Na tentativa de estabelecer a ponte entre o realismo e o idealismo em contraposição como se vem de anotar, assevera Kant que sendo certa a existência das coisas independentemente do pensamento, menos certo não é que sem a participação activa do pensamento não haveria como conhecer e até mesmo o que conhecer. Diz mais: que sendo o pensamento instrumento, meio de conhecer, não consegue conhecer para além do domínio das coisas físicas, das coisas sensíveis, do experienciável. Fora das coisas da natureza, o pensamento voa, expande-se livremente até ao infinito. Afastado das coisas terrenas, das coisas concretas, perder-se-á na lonjura do imaginável, do fantástico. Assim tão distante da realidade sensível e sob as vestes da razão pura, o pensamento pode conjecturar ideias como as do espaço, do tempo, das categorias, formas “a priori” por si criadas e que lhe permitem arrumar e moldar em unidades o material tangível, múltiplo, caótico,

disforme, trazido ao processo do conhecimento pelos órgãos dos sentidos.

Conhecimento sem conteúdo, sem coisas concretas, tangíveis, é vazio, é inútil.

Conhecimento sem forma, sem formas da razão, sem formas “a priori”, é caótico, bruto, duro, informe. Não é conhecimento. Não é nada.

Conteúdos e formas complementam-se.

É nesta complementaridade de conteúdos e formas, neste conciliar dos contrários, é na procura da superação dos opostos, que se posiciona o criticismo kantiano.

Deste ponto de vista, sustentar-se-á que o conhecimento, a verdade, se revela na correspondência entre o pensamento e o objecto pensado, sendo que o pensamento é actuante e não meramente expectante. O pensamento, ao nível do entendimento, discorre coerentemente. Não se limita a receber da sensibilidade a representação embrionária do objecto do conhecimento, não se contenta em registar os dados, em registar os elementos objectivos captados do exterior pelos órgãos dos sentidos. Actua sobre eles, modela-os, trabalha-os e unifica-os no seio dos elementos subjectivos (as formas “a priori”) produzidos e acrescentados ao processo do conhecimento pelo próprio pensamento.

As coisas do exterior não são exactamente como se afiguram, como se supõem representadas imediatamente no pensamento. Tanto assim porque o pensamento não entra directa e imediatamente em contacto com as coisas externas ao homem. Fá-

lo indirectamente e por mediação dos órgãos dos sentidos que são falíveis por não serem dotados de acuidade plena. O verdadeiro objecto do conhecimento não será aquele que se posiciona no exterior mas sim a sua representação mental: primeiro na sensibilidade, sede de meras intuições e depois no entendimento, sede de percepções numa perspectiva, sede de conceitos noutra. A representação do objecto pensado – quer na sensibilidade, quer no entendimento – não é cópia exacta da realidade exterior, não é o reflexo das coisas tal como o são efectivamente. O que assim se tem por realidade não é a realidade efectiva mas sim a mera aparência da realidade. O que se nos apresenta como sendo a realidade não é senão a realidade do mundo das aparências, das coisas tal como nos parecem ser, dos aspectos exteriores da realidade efectiva, das superficialidades, do mutável, do frívolo, das características particulares dos objectos, das inerências, do contingente.

No fundo, a única realidade que o ser humano poderá ter a veleidade de alcançar como conhecimento, como verdade, parece ser aquela que decorre do que é aparente. E tudo de tal sorte porque os nossos sentidos, isto é, os órgãos com os quais procuramos captar a realidade objectiva, a realidade que nos é exterior, que nos é circundante, não são fidedignos – o que é morno para mim, pode ser frio ou quente para outro – os nossos sentidos dão-nos meras impressões às quais reagimos em termos de sensação; meros dados, dão-nos uma multiplicidade de aspectos da realidade externa que poderão ou não conduzir-nos ao conhecimento, à verdade. Não nos dão o conhecimento

das coisas em si. Dão-nos tão-só aqueles aspectos do objecto e só aqueles aspectos que nos podem dar. Tem por se dizer que quem dá o que tem a mais não é obrigado.

Se os órgãos dos sentidos que captam os dados do exterior, da natureza, não são fidedignos, esses mesmos dados captados pelos sentidos não serão, por consequência, fidedignos. Se os dados captados não são fidedignos, ao serem trabalhados em vista da representação do objecto pensado, o resultado, por seu turno, também não será fidedigno. O resultado dos dados trabalhados pelo entendimento, vale por dizer, a representação consubstanciada na percepção para uns, no conceito para outros, será, portanto, mais ou menos aproximado do que é e, assim, será tão-só o que parece ser e não o que é efectivamente.

Todavia, se o que se consegue conhecer é somente a aparência daquilo que é, então terá, por decorrência lógica, que existir, subjacente à aparência, a realidade tal como ela terá de ser, isto é, a coisa em si.

Devido à sobredita decorrência, o homem, naturalmente curioso e insaciável em sede de saber, não se contenta com o conhecer a mera aparência da realidade, ou seja, a realidade como parece ser. Preocupa-se, sim, com o tentar atingir a realidade na sua plenitude, aquela a que a razão leva a ter como subjacente à aparência, como subjacente às exterioridades do real, às superficialidades, ao mutável, às características particulares dos objectos exteriores ao homem, às inerências, ao contingente, em suma, preocupa-se com o atingir o imanente, o númeno, a coisa em si, a realidade

ontológica. Para o efeito, isto é, para tentar atingir o númeno, afasta, como que elimina por abstracção do pensamento as ditas excrescências que se têm como que agarradas analogamente às lapas em sobreposição no ocultar da realidade em si, do essencial. Destarte procede

como que se a abstrair o acessório do principal, da essência, da substância.

Esforça-se, pois, por conseguir atingir o númeno, o cerne da realidade. Faz a abstracção dos particularismos das intuições representadas na sensibilidade por efeito dos fenómenos para, no entendimento, ficar com a representação das percepções ou conceitos. E faz mais: faz a abstracção dos particularismos das percepções ou conceitos para, na razão, ficar com as ideias.

A correspondência entre o pensamento e a realidade havida como essência, como substância das coisas, como sendo a realidade em si, o númeno, como sendo o cerne da realidade aparente, consubstanciará, então e em termos de ideias, aquilo que, afinal, poderá ser tido como a verdade plena, absoluta, enunciável mas sem susceptibilidade de ser alcançada dadas as limitações da razão pura a que Kant chegou.

Que dizer de tudo isto?...

Há quem ainda sustente que a verdade é a palavra Deus e, como tal, também verdade absoluta. Palavra de Deus confiada aos escolhidos, aos eleitos, aos quais caberá transmiti-la à restante humanidade que, por seu turno, deverá acreditar, ter fé nela.

Face à disparidade dos quadros de conhecimento, dos quadros de verdade acabados de ser postos, erguem-se

vozes que ressoam ao nível de construções mentais mais chãs, mais terra-à-terra. Dizem-nos desta banda que a única verdade é aquela que o entendimento humano alcança sem alcandoradas elucubrações. Deixemo-nos, portanto, de verdades absolutas:

~~verdades metafísicas e verdades~~
~~verdades metafísicas e verdades~~

religiosas. Tudo é relativo. Atenhamo-

nos sem ambigüidades na verdade relativa, na verdade posta por homens em relação aos outros homens.

A verdade será sempre, pois, a verdade relativa. A verdade só é aquela que os homens nas suas relações uns com os outros convencionam ser a verdade.

Se se partir de dados tidos por verdades adquiridas – convencionadas por simples pragmatismo ou por qualquer outra razão – e se se for coerente no discurso do pensamento, chegar-se-á de modo universal e necessário ao ajustamento do pensamento com o objecto pensado, pouco importando, afinal, se plena ou apenas aproximadamente.

Com efeito, se se convencionar que todos os homens são mortais e que João é homem e se houver coerência no discurso do pensamento – veículo, instrumento, meio de conhecer – há-de-se chegar de modo irrefutável à conclusão justa de que João é universal e necessariamente mortal. E esta será a verdade decorrente daquelas duas outras verdades postas por convenção e susceptíveis de o espírito a elas aderir imediatamente, sem reservas, se forem, como convém, simples, claras, distintas, precisas, por contraposição à complexidade, obscuridade, confusão, vacuidade, das coisas difíceis se não impossíveis de alcançar, entender e conhecer.



CAMAPE, LDA de Irmãos Castro

- Constrói na Quinta de Stº António em Aveiro, Moradias de Luxo e Apartamentos a custos controlados.

